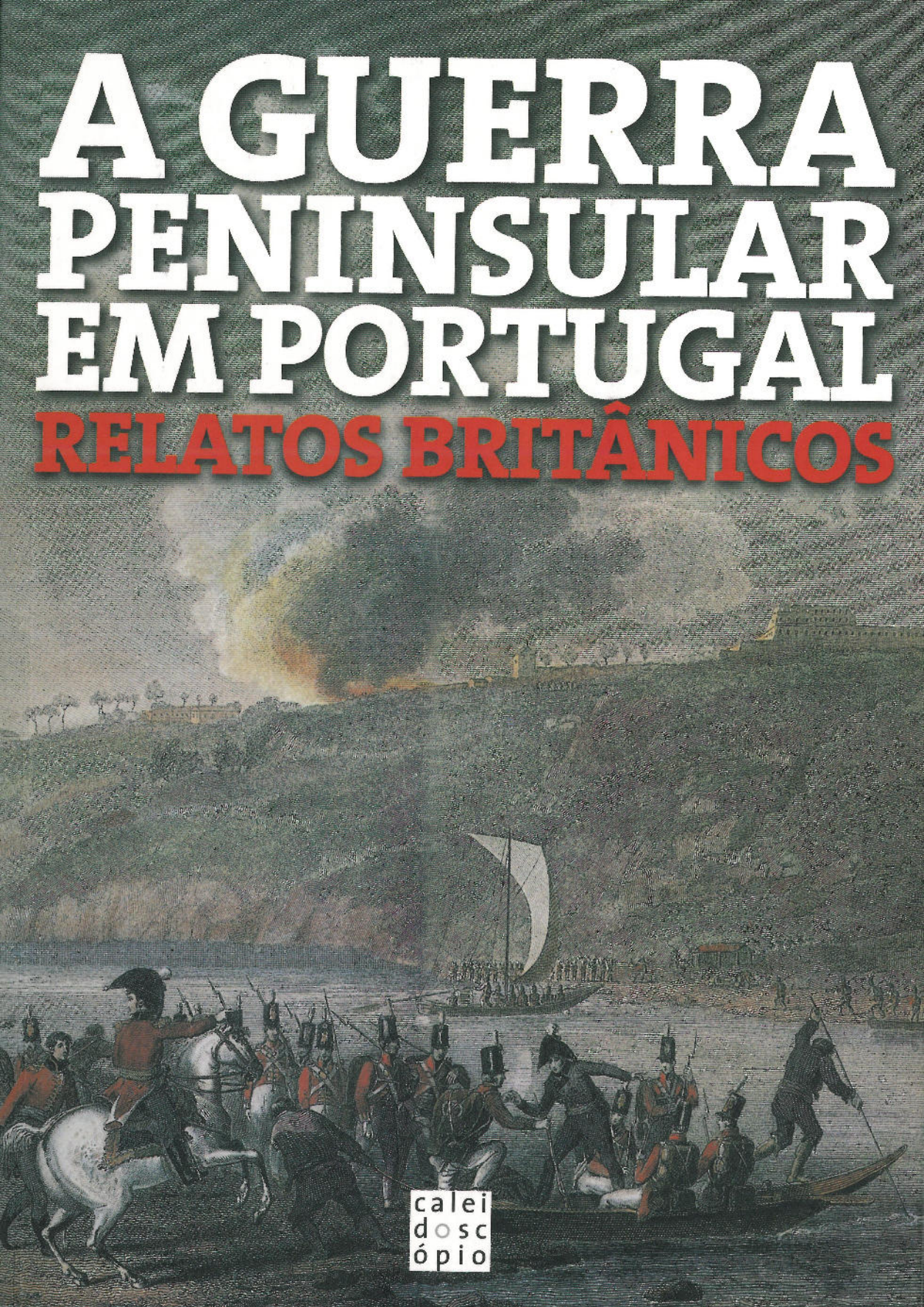
A GUERRA PENINSULAR EM PORTUGAL

RELATOS BRITÂNICOS



calei
dosc
ópio

mesmo tempo que evita a humidade.

Tenho reparado que muitos oficiais trazem as mulheres consigo. Que situação para as mulheres! – Fui interrompido por um oficial que acabava de chegar de Lisboa e me trouxe várias cartas e jornais. Vejo que a maioria das cartas têm a tua letra.

Está agora a passar debaixo da janela a nossa escolta de dragões, pelo que tenho que adiar até Nisa aquilo que tenho para te dizer. Adeus.

Carta XXVI

Partida para Gavião. – Travessia do Tejo. – Aparecimento de Abrantes no outro lado do Tejo. – Hospitalidade de Dona Helena. – Noite tempestuosa nas montanhas. – O casebre de um cabreiro na aldeia de Maria-Cova. – Gavião. – Nisa. – O doutor Assis.

Nisa, 8 de Novembro de 1808.

D*** e eu esperámos até quase às três horas de ontem que o tempo clareasse. Isso aconteceu por uns instantes, mas mal tínhamos saído da povoação quando a chuva voltou a cair torrencialmente.

Ao descer a colina de Abrantes, chegámos ao Tejo, que atravessámos num barquinho. Vimos aqui algumas embarcações vindas de Lisboa, com mercadorias de toda a espécie; mas mais de dois terços dos barcos tinham ficado em terra abaixo de Santarém, e a água é neste momento tão pouco funda que será necessário passar as cargas para barcos mais pequenos, antes de as poderem levar para Abrantes.

Ao sair das margens do Tejo, a estrada vira de repente para a esquerda e segue através de pinhais e charnecas. De vez em quando tínhamos uma linda vista da cidade e do convento de Abrantes, cujo castelo, entremeado nas escuras nuvens, encimava altaneiro o panorama. Durante a primeira parte da nossa cavalgada de ontem, atravessámos florestas de sobreiros magníficos. Os vales estão cobertas de medronheiros (*arbutus unedo*), aromáticas estevas (*cistus ladaniferus*), grandes quantidades de mirtos, madressilvas e rosas silvestres. Podes imaginar quão fragrantes são estas várzeas onde Flora foi tão pródiga com os seus dons.

Ao chegar aos arredores de uma aldeiazinha chamada Santa Luzia, fomos saudados de uma bela casa por um clérigo português, que, em francês, nos convidou a desmontar e a tomar alguma coisa. Querendo eu conhecer a sociedade deste país, aceitei o convite e entreguei os cavalos a um criado que estava à porta e tratou de os abrigar da chuva. Ao entrar, fui apresentado por este cavalheiro à dona da casa, que estava sentada a bordar num cavalete. Foi trazida uma grande variedade de doces, juntamente com uma garrafa de vinho excelente. Seguiu-se uma conversa sobre a situação em Lisboa e as boas perspectivas que agora há em Espanha.

Devo dizer-te que o meu amigo D***, ansioso por chegar ao fim da viagem, tinha seguido a galope sem esperar por mim, e, como a noite se aproximava rapidamente, também eu estava impaciente por me ir embora. Dona Helena e o seu confessor ofereceram-me dormida e pediram-me que adiasse a viagem para Gavião até à manhã seguinte, reforçando o seu pedido dizendo que as estradas eram extremamente más e que seria já noite fechada antes de terminar a viagem. Contudo, eu estava decidido a partir e, despedindo-me daquela hospitaleira mansão, pus-me a caminho, embrulhado numa quantidade de casacões que já estavam completamente ensopados pela chuva.

Ao atravessar uma aldeia chamada Casa Branca, cheguei à base de uma montanha íngreme, onde o meu cavalo teve grande dificuldade em passar. Quando cheguei ao fundo, anoitecia rapidamente. Ao encontrar uma caravana de almocreves, fiz algumas perguntas. Disseram-me que estava a uma légua do fim da minha viagem. Estava então quase escuro, e, ao entrar num bosque de sobreiros, deparei com um enorme ramo atravessado no caminho que ia para para a direita e me levou a uma extensa charneca, no alto de uma colina. Fiz várias milhas por este deserto.

Era já noite escura, e o céu estava coberto de pesadas nuvens. Por entre elas, podia às vezes vislumbrar a estrela polar. Ao longo do horizonte estendia-se uma faixa crepuscular.

Então começaram a ressoar os trovões pelos vales. Esporeei o cavalo, que, assustado pelo forte brilho dos relâmpagos, acelerou a carreira. Quando parei, percebi que estava perdido. As chuvas desfaziam-se em chuva torrencial. Estava ensopado até aos ossos, e o meu cavalo extenuado. Desmontei e

fui tenteando o caminho com medo de cair em algum precipício.

Ao fim de várias horas, lá encontrei um trilho e, tacteando o chão, pareceu-me encontrar vestígios de cascos de cavalo. Começava a pensar em abrigar-me debaixo do primeiro rochedo que encontrasse, quando lobriguei à distância um raio de luz que, segundo me pareceu, vinha da janela de uma casa. Levando o cavalo à rédea, desci até um vale e, depois de muitos tropeções, cheguei a uma regato. Não via nada, mas o ruído que ele fazia através das rochas avisou-me do perigo. Continuei a andar cuidadosamente até à luz, que então percebi vir de uma aldeia à minha direita.

Ao chegar ao lugarejo, bati à primeira porta que encontrei e através de cujas frinchas vi a luz de uma lareira. Não houve resposta. Repetindo o chamamento e pedindo, no meu melhor português, que abrissem a porta e me indicassem o caminho para Gavião, respondeu-me uma voz de mulher, informando-me que estava a légua e meia de Gavião, que o marido e o filho estavam fora e que não podia abrir a porta. Espreitando por uma das frinchas que referi, vi uma jovem e forte camponesa de pé no meio do casebre, aparentemente tremendo de medo, e uma velha junto dela com um dedo diante da boca, em sinal de silêncio.

Voltei a bater na porta e repeti o pedido, dizendo também que tinha visto a jovem e rogando que me abrissem a porta; mas os meus pedidos foram em vão. Depois de três ou quatro tentativas noutras casas, fui obrigado a reconduzir o meu pobre cavalo pelo caminho rochoso que nos levara à aldeia.

A tentativa seguinte foi atravessar o riacho, porque pensava, pela ideia que tinha da região, que Gavião devia estar naquela direcção. Tropeçando no escuro por entre as rochas, escorreguei para dentro de um charco fundo, do qual, contudo, consegui sair. E com mais receio de que o meu cavalo se magoasse do que de me afogar, estava já disposto a voltar atrás pelo caminho que levava ao cimo da montanha quando ouvi o grato som de vozes distantes.

Em breve se aproximou um grupo de camponeses que me convidaram a regressar à aldeia pouco hospitaleira de onde tinha vindo. Aceitei alegremente o convite, e o meu cavalo ficou abrigado, com um molho de palha à sua frente. Levaram-me a um dos casebres, onde encontrei uma lareira

acesa, que em breve secou a minha roupa encharcada. Os donos da casa ofereceram-me uma cebola, uvas, vinho e pão de milho. Puseram no chão uma grande placa de cortiça e sobre ela uma enxerga. Tendo lançado um toro na lareira, disseram-me *adios* e foram-se embora.

O brilho azulado passava através das placas de ardósia que vagamente cobriam o telhado; as grossas gotas de chuva assobiavam quando tamborilavam nas brasas, os enormes sobreiros gemiam na enorme tempestade, enquanto eu, grato à Providência que me pusera debaixo do telhado do cabreiro, me afundei em repouso.

Ao nascer o dia, o pobre cabreiro de Maria-Cova levou-me ao cimo da montanha e apontou o caminho que leva a Gavião. Dei-lhe umas moedas de prata, fiz-lhe os maiores agradecimentos pela sua inestimável atenção, e montando a cavalo, em breve fui ter com o Doutor D***, que começava a ficar muito alarmado com a minha ausência.

Gavião é uma aldeia formada por algumas casitas pobres no cimo de uma alta colina, a cerca de quatro léguas de Nisa. O campo é principalmente charneca, que tão mal cobre o granito que nos deparamos com enormes blocos cinzentos em todas as direcções. O solo granítico parece particularmente favorável aos castanheiros, que são agora as árvores dominantes e se espalham em redor de Nisa nas fendas de todas as rochas.

A torre quadrada de um velho castelo em ruínas foi a primeira coisa que nos avisou da proximidade de Nisa e parece, pelo que resta de uma antiga muralha, que outrora teve alguma importância. Ficámos aqui aboletados em casa de um simpático rapaz, doutor em leis. O seu nome é bastante notável, não sendo nada menos que Francisco de Assis. Disse-nos que foi educado na Universidade de Coimbra, onde tirara o curso, e fora (antes da invasão de Portugal pelos franceses) Juiz de Fora de uma povoação na sua província natal, a Beira.

O Dr. Assis parece ser um homem de extrema sensibilidade e também de uma disposição naturalmente reservada. Foram tais os excessos que as tropas francesas cometeram na Beira que o levaram a demitir-se do seu posto oficial e a refugiar-se em Nisa, um lugar que, pela sua pobreza e insignificância, raramente era perturbado pelas visitas dos franceses. Todavia, as cenas que

presenciara na Beira foram tais que tinham deixado uma impressão duradoura num espírito assim constituído, e o pobre Francisco de Assis tornou-se o maior hipocondríaco que já conheci. É casado, pai de três belos rapazes, que estão agora a brincar no pátio, mas a mulher não apareceu.

Carta XXVII

Ponte romântica sobre o rio Nisa. – Capela solitária na Serra de S. Miguel. – Travessia do Tejo no passo de Vila Velha. – Galante proeza feita aqui em 1762.

Vila Velha, 9 de Novembro de 1808

Saímos de Nisa hoje de manhã e fizemos duas milhas ao longo de uma charneca arenosa até umas lindas colinas verdejantes, cobertas de mirtos e estevas. A estrada foi serpenteando até chegar repentinamente à beira de uma descida, onde fomos deliciados com uma encantadora paisagem.

Lá em baixo corria serpenteando o rio de Nisa, sobre o qual passava uma ponte rústica com quatro pilares quadrados; para lá dela a estrada seguia pelo lado oposto de uma montanha muito íngreme e levou as tropas, que na altura ali seguiam, até às paredes brancas de uma velha capela, que, juntamente com alguns sobreiros, se erguia entre os solitários penhascos da montanha, de cujas encostas brilhava de vez em quando o fio de um regato. A capela é dedicada ao génio do lugar e, tal como a serra adjacente (Serra de S. Miguel) evoca o seu nome abençoado.

Peguei no lápis e fiz um esboço deste cenário romântico, que receberás com esta carta.

Na Serra de S. Miguel, a estrada é péssima. As carroças que levam as nossas munições tiveram muitos acidentes. Um sargento da artilharia real e um grupo de homens ficaram para trás para as consertar, mas tiveram grande dificuldade em arranjar bois e carros. Passámos por alguns destes homens, sentados em cima do que restava dos carros, que nos disseram que estavam deitados há três dias à chuva, no meio daquelas áridas montanhas.

Depois da solitária capela de S. Miguel, chegámos a um lugar de onde tínhamos uma vista sublime das montanhas que nos rodeavam. O Sol caía a

Ocidente e lançava escuras sombras púrpureas sobre os precipícios alpinos. Vimos aqui um espectáculo muito singular. Com excepção de uma crista prodigiosamente altaneira, cujas linhas e contornos eram quadrados e perpendiculares, todas as colinas em redor tinham um aspecto suavemente ondulante. Esta crista, como depois descobri, é uma continuação da Serra, que é primitiva e feita de mármore avermelhado; as outras são todas secundárias, de xisto resultante de granito desintegrado.

Pouco depois chegámos ao célebre passo de Vila Velha, a que nos levou uma rápida descida. Aqui o Tejo precipita-se através de uma ravina, formada na Serra de S. Miguel, que parece ter sido rasgada para dar passagem à redemoinhante corrente do majestoso deus dos rios. Num rochedo que domina o passo, ergue-se uma torre quadrada em ruínas, a única coisa que resta do castelo de Vila Velha.

O pôr-do-sol foi esplendoroso por detrás das rochas fendidas, quando D*** e eu entrámos no grande barco de fundo chato em que fizemos a travessia, tendo chegado em poucos minutos a esta cidade arruinada.

Vila Velha (povoação antiga) consiste agora em alguns casebres miseráveis. Está situada na sombra de uma montanha ameaçadora que, ao atrair as nuvens que passam, a mantém permanentemente sob uma chuva miudinha.

Dumouriez, cuja original obra sobre Portugal tenho agora comigo, faz um interessante relato de uma proeza galante de um oficial escocês de nome Hamilton na guerra de 1762. Ele conta que, ao ser afastado o velho marquês de Sarria, foi o conde de Aranda substituí-lo no comando do exército espanhol. Mas é melhor relatá-la nas palavras do General.

"Este novo General atacou Vila Velha, nas margens do Tejo. Contudo, os portugueses, encorajados pela indecisão dos espanhóis, fortalecidos pelo apoio dos ingleses e animados pelo Conde de Lippe, aventuraram-se no terreno e acamparam em número de doze mil em Abrantes e Punhete, enquanto um pequeno destacamento de voluntários portugueses, comandados por um bravo escocês, de nome Hamilton, e reforçados por dois batalhões ingleses e algumas companhias de granadeiros, foram postados na margem esquerda do Tejo, em frente de Vila Velha, cujo castelo tinha uma guarnição de trezentos portugueses. Alvarez (oficial espanhol) tinha

tomado este castelo sem grande dificuldade, pois se rendeu ao primeiro tiro. Durante a marcha para Vila Velha, o Conde de Lippe tinha mandado o Coronel Burgoyne com os seus dragões ingleses e seis companhias de granadeiros, quatro das quais eram portuguesas, atacar Valença de Alcântara, de que esse oficial se apossou sem qualquer resistência, e depois saqueou. Valença está rodeada de muralhas e tinha uma guarnição de doze mil milicianos, comandados por um general-de-brigada. Mas esta afronta foi em breve esquecida pelos espanhóis. A tomada de Vila Velha tinha aumentado a confiança do destacamento de Alvarez, que, desprezando o inimigo, se abandonou a uma confiança falaciosa. Hamilton apercebeu-se da sua negligência, passou o rio a vau durante a noite com trezentos homens, metade dos quais ingleses, surpreendeu o acampamento de Alvarez, que contava dois mil homens, a fina flor do exército espanhol, inutilizou o canhão e voltou a atravessar o Tejo, sem sofrer baixas e deixando atrás de si um cenário nada vulgar de desordem e confusão."

Desenhei o cenário desta proeza e mandar-to-ei na minha próxima carta. Entretanto, adeus.

Carta XXVIII

Uma passagem perto de Vila Velha. – Estado das estradas para As Carnadas.[18] – Castelo Branco. – Trigésimo-segundo regimento. – O exército português.

Castelo Branco, 11 de Novembro de 1808

Em Vila Velha ficámos alojados em casa do Juiz de Fora interino, um desgraçado que se queixou de quanto o exército francês o tinha pilhado. Perto dessa povoação, atravessámos uma pequena planície arenosa, bem coberta de carvalhos de folha permanente. Ao passar a vau um ribeiro que a atravessa, encontrámos um pobre diabo empoleirado numa ilha de areia no meio da água. Disse-nos que era galego, criado de um oficial inglês.

18. Não foi possível identificar esta designação. (N.T.)

Ao tentar atravessar a corrente, que vinha muito cheia devido às chuvas, tinha calculado mal a profundidade e caído num grande buraco, sendo arrastado pelo ribeiro abaixo. Ao lutar pela vida, o infeliz tinha deixado cair a mochila que continha os seus poucos haveres. Resgatei-o da difícil situação em que se achava e segui em direcção à entrada do vale.

Aqui a estrada levava ao cimo da montanha por um estreito e íngreme desfiladeiro. Os despojos de carros de bois, rodas partidas e carruagens inutilizadas marcaram o avanço do nosso exército. Na verdade, toda a estrada para As Carnadas é talvez a pior da Europa. As rochas sobre as quais assenta são de um xisto granítico com veios de quartzo, cujos estratos são quase perpendiculares ao horizonte, e as rodas das carruagens tinham-nas cortado na sua maioria em sulcos que tinham pelo menos três ou quatro pés de profundidade. É surpreendente como quaisquer animais conseguiram fazer andar as carruagens.

Dormimos em As Carnadas, um aglomerado deplorável de casebres miseráveis no cume de um rochedo nu. Daqui a Castelo Branco, uma distância de três léguas, a estrada é quase tão má como a de Vila Velha.

Em Castelo Branco encontrámos o primeiro batalhão do trigésimo-segundo regimento, que recebeu ordens para ficar aqui para transportar as munições que, como te referi na minha última carta, estão nas montanhas da Serra de S. Miguel.

Estamos aboletados em casa de um homem muito digno, major no regimento de cavalaria de Castelo Branco, que nos trata com a maior hospitalidade. Mostrou-nos alguns jornais recentes de Madrid, que falam dos êxitos das suas tropas em termos muito lisonjeiros, mas não posso deixar de notar que as notícias parecem truncadas, e muitas circunstâncias escamoteadas.

A maior parte das colunas de jornais é ocupada com minuciosos pormenores de donativos para o exército patriótico, que em si são insignificantes, e mesmo mesquinhos, que demonstram ou que os espanhóis estão já excessivamente empobrecidos, ou que têm pouca chama de civismo e patriotismo, que julgamos em Inglaterra que eles têm em alto grau. Por exemplo, o que vais pensar de um Conde que dá uma mula, uma Condessa uma égua e três albardas, um Marquês três arreios e uma sela de caça, e outros espécimes igualmente irrelevantes, com os títulos completos e designações dos dado-

res? Tais são, contudo, as provas de civismo dadas em Madrid.

O nosso anfitrião parece ser um homem bem informado e fala com muito sentimento e bom-senso a respeito do estado do seu país. Reprova, em termos fortes, a política mal orientada segundo a qual os nobres portugueses não foram autorizados a fazer parte do exército.

"Os maus efeitos deste erro", dizia ele, "são agora evidentes, mas receio que seja já demasiado tarde. De facto, houve ordens para aumentar as forças de Portugal até quarenta mil homens, e está a fazer-se um recrutamento com alguma rapidez, mas sabeis bem que o exército do meu país desde há muito que é tido com um dos mais desprezíveis da Europa; e, mais recentemente, a indolência e ignorância do nosso ministério dissolveram completamente o pouco que restava de algo que se pudesse considerar um sistema militar."

Durante cinquenta anos, anteriores a 1762, Portugal viveu em paz. Ao rebentar essa guerra, o Conde Lippe foi convidado a vir da Alemanha para superintender à organização do exército português. Concluiu-se a paz com a Espanha, e poucos anos depois tinha-se deixado que o exército português recaísse no mesmo estado deplorável em que o Conde de Lippe o encontrara.

Dumouriez atribui um carácter excelente ao soldado português. Segundo esse autor, é obediente, paciente, robusto, vivo e expedito, mas é também preguiçoso, sujo e disposto a achar que tudo está mal, embora seja capaz, quando se lhe dá a devida atenção, de fazer jus ao seu carácter.

Acredito que em Portugal, como em toda a parte, bons oficiais são o grande requisito para fazer um bom exército; os homens em grupo são valentes e, se bem guiados, fazem tudo o que é preciso na guerra, mas o ardor militar, quando se deixa abater em qualquer nação, é dificilmente recuperado; e muito me engano se a futura história de Portugal não demonstrar a verdade desta afirmação.[19]

19. A propósito do exército português, escreveu Wellington ao Primeiro-Ministro Castlereagh, em Abril de 1809: "Deveis saber que as forças deste reino estão ainda na infância no que diz respeito a disciplina, organização e equipamento", mas veio a reconhecer a sua qualidade quando bem enquadradas. Logo em Maio escreveu ao General Mackenzie que punha em dúvida o valor das nossas tropas: "Está enganado ao supor que as tropas portuguesas não combatem. Um batalhão portou-se notavelmente comigo; e não conheço tropas que se tivessem comportado melhor do que a Legião Lusitana em Âlcantara, há dias." Em Janeiro de 1810, escreveu ainda: "O exército português está bem disciplinado, e em breve, espero, será um valioso contributo para as nossas forças." (N. T.)

gratulando-se e dispensando bênçãos aos recém-chegados. Aqui e ali havia grupos de vivandeiras, com cantis e mochilas aos ombros; alguns discutindo sobre o pagamento dos artigos que tinham comprado; outros satisfazendo-se a beber grandes quantidades de vinho, para celebrar a sua recente salvação da água.

Quando a estas variedades são adicionados os terrores de uma tremenda trovoada, que irrompeu das montanhas, ora envolvendo todos os objectos na escuridão, ora lançando uma luz sinistra e sulfurosa sobre o mar e sobre a terra, fica pouco por dizer dos primeiros passos dados pelo exército de Sir John Moore no solo de Portugal.

Capítulo III

Marcha para Belém – Ignorância das autoridades portuguesas – Disposição do exército – O autor é nomeado para organizar as munições de reserva – Segue para Abrantes – Uma transferência de cargas – Castelo Branco [...]

As primeiras ordens que recebi em Portugal foram para prosseguir com um destacamento de atiradores para a fortaleza de Belém, a qual tinha sido evacuada na noite anterior pelos franceses, que tinham embarcado a bordo dos nossos barcos de transporte para o seu país, de acordo com a Convenção de Cintra. Este serviço ocupou três dias, durante os quais travámos um ataque mal-sucedido contra inúmeras hostes de inimigos, as pulgas. Nada pode dar uma ideia adequada destes sorvedouros de sangue humano, encontrados nos cómodos onde tinham dormido os soldados franceses. Durante o dia, as nossas calças brancas mudaram para um tom de bronze devido às sua presença inconveniente, e durante a noite, esta população ágil preveniu tão completamente qualquer auxílio futuro que fôssemos capazes de requerer de um sangrador, pois quando se manifestou uma febre e desinteria entre as tropas, foi talvez por isto que nem eu nem os meus homens ficámos doentes, graças à temperatura reduzida em que nos deixaram os nossos sanguinários inimigos.

Ficámos muito satisfeitos ao sair de uma fortaleza com uma guarnição tão indomável, e acabámos esta inglória campanha regressando a Prazzo

d'Arcos[7], onde a artilharia estava acampada, e aí apresentámos ao Oficial Comandante, o Coronel Wood, 120 canhões de bronze, montados em carretas, uma quantidade considerável de munições.

As circunstâncias ligadas à nomeação de Sir John Moore no comando do exército a actuar em Espanha, e os preparativos feitos em Lisboa para a marcha deste exército através de Portugal foram repetidamente assunto de descrição e de crítica. Portanto, basta chamar a atenção para o facto de que as autoridades portuguesas em Lisboa mostraram uma ignorância desprezível para com a topografia do seu país e o estado das suas estradas; e, como Sir John Moore precisava de fazer os seus planos para a marcha das suas tropas, sérios males resultaram, em grande medida, desta informação errónea.

Sem especificar em pormenor os movimentos do exército, será suficiente dizer que a sua força estava dividida. A artilharia e a cavalaria, com uma divisão de infantaria, sob o comando de Sir John Hope, dirigiram-se para Elvas e Estremadura, enquanto o resto da infantaria, sob o comando dos Generais Beresford e Frazer, prosseguiu numa direcção norte para Almeida – as divisões divididas encontrar-se-iam em Salamanca.

Quando estes movimentos foram decididos, eu fui nomeado para, em Lisboa, organizar as reservas de munições para este exército enviado para Espanha. Consistia em dois milhões e 500 mil cartuchos, e um grande fornecimento para a artilharia. As provisões seriam transportadas, em primeira instância, pelo rio, de Lisboa para Abrantes, em quinze barcos, providenciados pela Regência, de cerca de quarenta toneladas cada, e tal foi a negligência desastrada, ou a falta de informações apropriadas, por parte das autoridades, que, ao invés de chegar a Abrantes, se revelou impraticável subir o Tejo em barcos grandes para lá de Santarém, o que não era nem metade da distância. O rio, mesmo muito antes desse ponto, perde a sua majestosa amplitude e, limitando-se a uma corrente insignificante, torna-se só navegável para barcos pequenos, impelidos por varas.

Esta circunstância inesperada ameaçava males de séria importância, por causar atrasos nas operações do exército. Quase encalhados em barcos

7. Paço de Arcos

grandes por causa da água pouco funda, não tivemos alternativa a lançar um embargo forçado a todos os barcos pequenos que subissem ou descessem o rio. Foi uma necessidade cruel deter os camponeses que iam nos dois sentidos com fruta ou outros artigos perecíveis, forçando-os a descarregar as suas pequenas cargas nas margens do rio, com o propósito de recarregar os seus barcos com as nossas pesadas cargas; mas dessa maneira utilizámos cento e noventa e oito pequenas embarcações, para as quais, depois de trabalhos entediantes, foi feita a transferência das provisões da artilharia pelo 32.º Regimento para este valioso comboio e prosseguimos em direcção a Abrantes.

De Abrantes, o comboio das munições foi transportado em carroças puxadas por bois, por montanhas escarpadas e estradas miseráveis até Castelo Branco, pela estrada de Nizza[8] e o quase intransitável desfiladeiro de Villa Velha[9], onde foi lançada uma ponte provisória suspensa sobre o Tejo. A época das chuvas tinha começado, e, se alguns dos galantes indivíduos do 32.º estão ainda vivos, não terão esquecido esta primeira experiência da vida de um soldado, onze dias, sem parar, sob uma chuva torrencial.

Em Castelo Branco recebi ordens para fazer parar o comboio. O 32.º Regimento seguiu então para Espanha, e, depois de recrutar exausto transporte, metade do qual tinha sucumbido durante a marcha, seis companhias de Buffs[10], sob o comando do Coronel Drummond, substituiu o 32.º Regimento como escolta, e continuámos a nossa marcha em direcção a Salamanca.

Capítulo V

Chegada a Almeida – Notícias da aproximação dos franceses – Sir Robert Wilson – Os três L's – Dificuldades na transferência das munições – Partida para Arueda do Douro – Um incidente romântico – Henrica – A história da velha – Aparecimento inesperado do amado de Henrica.

8. Nisa.
9. Vila Velha de Ródão.
10. O antigo East Kent Regiment.